

Sarney defende alternância no poder ao ser indicado à Arena

BRASILIA (O GLOBO) — O Senador José Sarney foi, ontem, formalmente indicado para a presidência da Arena pelo Presidente eleito da República, General João Baptista de Figueiredo e, momentos depois, afirmou não acreditar em democracia estável sem a adoção do voto distrital e sem a alternância dos partidos no poder. A afirmação foi feita durante a breve solenidade em que o ex-presidente do Partido, Deputado Francelino Pereira, comunicou sua renúncia ao General Figueiredo, e o Presidente eleito fez a indicação de Sarney.

A cerimônia, que também foi assistida pelos futuros Ministros da Justiça, Senador Petrônio Portela, e da Agricultura, Delfim Netto, além de funcionários do gabinete do Presidente eleito, seguiu-se uma reunião do General Figueiredo com o ex e o futuro presidente da Arena, Deputado Francelino Pereira e Senador José Sarney. Durante 45 minutos, e com a participação, também, do Senador Petrônio Portela, foram examinados problemas relacionados com a direção da Arena.

PARTIDO MODERNO

O candidato oficial à presidência da Arena considera que os partidos políticos brasileiros, "como quase todos os da América Latina, ainda são partidos de estrutura romântica". Por isto, sua intenção "é dar à Arena uma estrutura de partido político moderno, que se derrame em todos os segmentos da sociedade, através de atividades permanentes, partidárias, e que não sejam simplesmente sazonais, de época de eleição, e depois desapareçam e esta atividade política fique restrita apenas ao Congresso".

Sabe o Senador José Sarney que "esta é uma tarefa difícil", mas garante que ela será executada paralelamente à atuação parlamentar, visando "principalmente à unidade do Partido, à sua

coesão em torno do Presidente e da conduta do Presidente, que consolidará a abertura política".

ESTRUTURAS IGUAIS

O Senador maranhense não aceita, porém, a afirmação de que as estruturas da Arena são elitistas e ultrapassadas.

— As estruturas da Arena, como também as do MDB, são iguais às bases de todos os partidos que existiram no País, e também, de certo modo, é a estrutura quase que comum a todos os partidos políticos da América Latina — afirmou.

Acha, por isto, que a tarefa imediata, para "enfrentar um ano de transição entre o regime de exceção e a busca da plenitude democrática" é "criar, dinamizar, vivificar os instrumentos das estruturas partidárias existentes". E isto considerando a nova realidade política, à qual entende que deva corresponder "uma nova atitude do Partido".

SALVAGUARDAS E CONCILIAÇÃO

O virtual futuro presidente da Arena não crê que as salvaguardas e a nova Lei de Segurança Nacional possam constituir problemas ao processo de abertura, afirmando mesmo que não conhece democracia "que não tenha as suas salvaguardas". Entende, porém, que uma conciliação com o MDB em forma de composição é inviável.

— Mas há uma grande clareira — frisou —, digamos assim, uma grande possibilidade de uma conciliação — e essa é a que interessa ao País — em torno de alguns temas básicos que são de interesse da Nação e dos partidos políticos. E justamente uma conciliação em torno dos ideais de como encontrarmos o melhor caminho para atravessarmos as dificuldades que iremos ter, na busca da plenitude democrática.

CIÊNCIA DO BEM COMUM

O afastamento do Congresso de líderes políticos tradicionais não é encarado pelo Senador José Sarney como vazios a serem preenchidos. Citando, para exemplificar, os Senadores Virgílio Távora, Governador eleito do Ceará, e Gustavo Capanema, que não concorreu nas últimas eleições, observou que eles "continuarão sendo políticos", e que "não se deve fazer política somente dentro do Congresso".

— A política deve ser — acentuou — como a ciência do bem comum, estendida a todo o País e a todos os setores da sociedade, para que realmente encontre o seu leito normal, que todos desejamos.

REIVINDICAÇÕES

Quanto aos movimentos reivindicatórios que, segundo previsão geral, devem tomar corpo, entende o Senador que devem "ser encarados normalmente, dentro da flutuação dos interesses que existem dentro do sistema democrático". De outra parte, "o Governo deve ter instrumentos capazes de evitar que esses grupos que compõem os movimentos de pressão caiam na violência ou na ilegalidade".

INDIRETOS E CASSADOS

O candidato oficial à presidência da Arena não chega a afirmar que a resistência do MDB aos senadores indiretos prejudicará o diálogo, mas pondera que "eles são senadores através de uma legislação, foram eleitos, são líderes políticos". Por isto, não vê "nenhum motivo para essa discriminação".

Quanto aos cassados, a opinião de Sarney é de que, "num período de conciliação", deve-se "assimilar a volta de todos aqueles que tiveram punições políticas", porque "lugar de político é na política".

Os bons conselhos de dona Marli

— Ajeita a roupa, José. Olha o bigode, apara um pouco que está muito grande. Não deixe de dançar com as moças. Sorria sempre.

Desde que entrou na política, José Sarney seguiu religiosamente os conselhos de sua mulher, dona Marli — "Ela é o meu cabo eleitoral, a minha garantia de todas as horas" — enriquecendo-os com uma grande simpatia e talento oratório, que fazem com que a população do interior do Maranhão o ouça deslumbrada, às vezes por horas.

Com habilidade e firmeza, ele diz suas verdades ao povo, entremeadas de casos pitorescos, nem todos reais, pois um dos maiores orgulhos de José Sarney é ser jornalista e escritor, presidente da Academia Maranhense



José Sarney

de Letras. Outro "imortal" maranhense, o romancista Josué Montello disse sobre Sarney:

— Ele está para o Maranhão, como Simões Lopes Neto (autor de "Negrinho do Pastoreio") para o Rio Grande do Sul, ou Afonso Arinos para Minas Gerais. Como político, ele não é literato; como homem de letras, ele não é político. Por isso sua literatura nada tem de engajada ou comprometida. E literatura mesmo.

Talvez essa capacidade de manter estanques as suas duas manifestações de poder, é que dá a José Sarney livre trânsito entre políticos do Governo e da Oposição e entre jornalistas das mais diferentes tendências. Sua simpatia não é guardada para contatos com o povo do Maranhão, mas espalha-se pelo Congresso, entre seus pares, amigos e conhecidos.

Inimigos, ele também os cultiva, e o mais temível de todos inegavelmente foi Vitorino Freire, o

velho "cacique", a quem ousou enfrentar. Eleito Governador em 1965, pelo voto direto, renunciou no final do mandato para concorrer ao Senado. Ganhou, e ainda transformou seu Secretário da Saúde, Pedro Neiva de Santana, em Governador. Dali a meses, eram inimigos. Atualmente, seu maior desafeto é o Governador Nunes Freire, por cuja indicação também foi responsável.

Por causa dessa inimizade, perdeu a oportunidade de governar seu Estado pela segunda vez. Mesmo assim, conseguiu que o escolhido fosse do seu grupo — João Castelo — e reeleger-se Senador. Além disso, elegeu todos os Deputados federais da Arena, no Maranhão, e, para a Assembleia Legislativa, seu filho foi o mais votado.

Aos 49 anos, José Sarney se diz um liberal de centro-esquerda e só não gosta quando o apontam como "novo coronel" do Maranhão, embora o seu eleitorado mais pobre o chame de "paizinho".